Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

DA PSICOLOGIA DAS MASSAS, DE FREUD, AO DISCURSO DA ESTUPIDEZ, COM LACAN

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: Na ocasião da comemoração dos 100 anos de *Psicologia das massas*, o artigo buscará o que se tem a dizer sobre o tratamento dispensado à obra de Freud, de forma a produzir o novo, trazendo uma releitura desse livro, mas sob a orientação da obra de Lacan. Inicia-se pelas contribuições de Freud em sua releitura de Le Bon, antecipatórias do trabalho de Lacan no que se refere à Psicanálise com a ciência. Em seguida aponta e discute um duplo limite na abordagem freudiana. Com esse embasamento tece profundas considerações sobre a primeira retomada do texto de Freud por Lacan, e as modificações que este introduz. Finalmente, aborda o discurso da estupidez e quatro possibilidades de tratamentos.

Palavras-chave: Freud; Lacan; olhar; sujeito; voz.

São Paulo
2023

FROM FREUD´S GROUP PSYCHOLOGY

TO THE DISCOURSE OF STUPIDITY, WITH LACAN

Abstract: On the occasion of the celebration of 100 years of *Group psychology*, the article will seek what has to be said about the treatment given to Freud's work, in order to produce something new, bringing a re-reading of this book, but under the guidance of Lacan's work. It starts from Freud's contributions in his reinterpretation of Le Bon, anticipatory of Lacan's work regarding Psychoanalysis and science. It then points out and discusses a double limit in the Freudian approach. With this basis, it makes profound considerations about the first resumption of Freud's text by Lacan, and the modifications that the latter introduces. Finally, it addresses the discourse of stupidity and four possible treatments.

Keywords: Freud; gaze; Lacan; subject; voice.

DA PSICOLOGIA DAS MASSAS, DE FREUD, AO DISCURSO DA ESTUPIDEZ, COM LACAN

Encontramo-nos hoje sob a experiência da comemoração dos 100 anos de publicação do texto de Freud, *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921/2011), marcada por uma interrogação escrita no convite: "O que há de novo?" Tal pergunta traz contida uma outra, qual seja, o que cada um tem a dizer sobre o tratamento dispensado à obra de Freud, de forma a produzir o novo? Existe condição para tanto a partir desse texto? Vou partir do princípio de que, para responder a essa pergunta, não se pode ter a pretensão de acreditar que se realizou uma nova leitura, mas sim de que aquilo que é novo, em meu caso, por exemplo, foi voltar a esse texto orientado pela obra de Lacan, retirando consequências que não havia realizado antes. Quatro tempos podem ser acompanhados nesse percurso:

1- Primeiro tempo: Freud introduz uma elaboração inédita da psicologia das massas, à luz da releitura da obra de Le Bon (1911/2018). Para tanto, realiza em primeiro lugar uma inversão, apresentando a psicologia das massas pela psicologia individual, condição essa que reconhece as questões do sujeito nelas, de forma a se estruturarem como massa. Assim, tal como afirmado na introdução do texto, "a psicologia individual é (...) ao mesmo tempo psicologia social"(p.14), irá também se diferenciar de Le Bon ao substituir o funcionamento da sugestão pela economia psíquica da hipnose e abordar o líder pela identificação ao ideal do eu, como operadores que mantêm a coesão grupal. Notemos que a leitura da obra de Le Bon por Freud realiza, com precisão antecipatória, o caminho indicado por Lacan no que se refere ao trabalho da Psicanálise com a ciência, "reintroduzir o nome do pai na consideração científica"(LACAN, 1998, p. 889), incluindo, assim, a presença do sujeito.

2- Segundo tempo: Iniciamos agora reconhecendo um duplo limite na abordagem freudiana. O primeiro tem a ver com estabelecer, como se fosse natural, uma linha de continuidade entre as famílias que se formaram desde o assassinato do pai totêmico, como sendo responsáveis pela força dos vínculos que se atualizam na formação dos grupos. O segundo limite da abordagem se refere à evocação do pai totêmico na figura do líder. Por que é problemática talconstrução? Pelo fato de que, se há líder, ou seja, se há ideal do eu como organizador das identificações grupais, não há mais possibiidade de se referir à presença do pai totêmico, uma vez que esse precede logicamente os laços constituídos pela linguagem que sustentam as

relações. Consequentemente, o que mantém os membros do grupo unidos não tem mais a ver com força restante dos vínculos primitivos, mas, sim, com identificação compartilhada que osmantém ligados, pelo ideal do eu.

3- Terceiro tempo: A orientação agora se baliza pela primeira retomada do texto de Freud por Lacan, na última lição do Seminário 11 (1964/1988), antes do Posfácio, assim como as que se encontram no Seminário 19 (1971-72/2012), onde modifica a noção de Um. Ele vai operar uma tripla modificação, sendo a primeira delas não trabalhar mais com os conceitos de massa, grupo, analogia com a horda primitiva, tampouco do líder com o pai totêmico. Em segundo lugar, Lacan inclui o significante mestre, S1, no lugar do líder, uma vez que a psicologia das massas freudiana será passada ao inconsciente. Nisso, a pessoa do líder é substituída pelo significante que funda simbolicamenteo sujeito e o enlaça com outros, sejam significantes, sejam seus semelhantes. Portanto, não se trata de não levar em conta o líder como referente onde se sustenta o ideal do eu, mas, sim, deassimilá-lo como sinônimo do traço unário, tal como introduzido no *Seminário A identificação* (1961-62/2003*)*. Consideremos, ainda, que o líder como significante, S1, que inaugura a cadeia simbólica no inconsciente, se conecta com uma outra acepção do Um, introduzida nos capítulos IX, X e XI do Seminário19, a qual Lacan nomeia como uniano. Digamos que o Um uniano tem a ver com a função de exceção na qual o unário irá marcar seu lugar. Dessa forma, pode-se acompanhar que, para Lacan, as contribuições advindas do texto freudiano são inteiramente modificadas, melhor dizendo, assimiladas num outro tipo de articulação. Essa outra modalidade de elaboração faz parte das diferentes transformações que ele faz constar sobre a obra de Freud, a partir de sua retomada pela linguagem e a invenção do objeto a.

Se em Freud se tratava de apresentar a coesão grupal pela identificação ao líder, colocado no lugar de ideal do eu, Lacan não irá negar essa construção, mas a incluirá no inconsciente como traço unário, constitutivo das identificações primordiais. Enquanto significante S1, que é um enxame de significantes, ele vai desempenhar a função de sustentar o ideal como uma instância simbólica, permitindo a estruturação do sujeito pelo Outro. Assim, o que antes se escrevia como ligação dos membros do grupo entre si a partir da identificação ao líder, ligando um com os outros, agora se passa à função de ligação entre os significantes no inconsciente, permitindo que o sujeito receba do Outro as insígnias que irão orientá-lo em suas identificações. Se antes se falava da ligação entre todos os membros do grupo, agora se fala de uma ligação entre os significantes que fazem um todo de significantes. Um todo de significantes não é sinônimo de todos, como todos os membros do grupo. Isso porque na sériesignificante

falta um significante; consequentemente, o que funda um todo de significantes no inconsciente participa da referência à exceção, como sinônima de não todo significante. E é nesse sentido que Lacan vai falar do uniano enquanto referência ao não todo, desde onde se escreve a referência à mulher como exceção, implicando admitir que é pelo não todo que se articula o todo. É pelo uniano que se articula o unário; por consequência, a referência à mulher se diferencia do todo significante ou, ainda, "ela é aquilo que, no meu grafo, insiste Lacan, inscreve-se pelo significante do Outro barrado e, assim, mais uma vez, ela não é o lugar do Outro" (LACAN, 1971-72/2012, p.198).

Afirmei, no início, que o que existia de novo em meu caso, em relação a esse texto, é ter podido me valer de Lacan de uma forma que não havia realizado antes. Não é um acompanhamento linear; por isso mesmo, para prosseguir com alguma clareza, vamos relembrar que até então nos mantivemos na referência aos desdobramentos do significante no inconsciente, que vem pelo texto de Freud ligado à figura do líder e à função do ideal do eu. Sabe-se que Freud introduziu o líder no lugar do objeto externo que vai ser recortado por um traço identificatório, sustentado no inconsciente como ideal do eu. Lacan, por seu lado, vai escrever o objeto *a* no lugar desse objeto que pode tanto capturar, ou seja, promover o sujeito a buscá-lo a qualquer custo, daí sua ligação com o mais gozar, quanto com ele manter uma posição de esvaziamento, a partir da análise. Por que Lacan vai introduzir uma economia de gozo pela referência ao objeto a ligado ao S1? No meu entender, isso se refere a ter podido reconhecer que o sujeito, estruturado pelo significante desde as identificações inconscientes, se encontra diretamente implicado na busca de satisfação com um objeto que lhe permitiria uma estase do ser, ou seja, uma satisfação de tal forma extraordinária que os deslizamentos próprios ao ser de desejo seriam interrompidos.

Consideremos que, assim, o lugar do sujeito, agora escrito a partir da ligação entre S1 e *a*, vai se colocar em primeiro plano na busca de um gozo que poderia hipnotizá-lo tanto quanto separá-lo do Outro. Se Lacan escreveu o ideal como traço significante no inconsciente,não é tanto para a busca de um líder que encegueceria o sujeito a quem ele visa indicar a força desse empuxo, mas, sim, para a conquista de uma condição de objeto que falta ao Outro, que o sujeito insiste repetitivamente em buscar. Como ele cumpre esse desígnio? O esclarecimento foi dado por Freud, ao mostrar que o poder hipnotizante do hipnotizador se encontra determinado por duas forças: o olhar e a voz. Desde o fantasma, o sujeito vai buscar uma condição de gozo, pela voz do Outro, fazendo-se inteiramente objeto de comando dele. O extremo dessa posição foi dada por *Eichmann em Jerusalém* (ARENDT, 1963/2003), alegando estar obedecendo ordens, tão somente. Nas palavras de Freud: "O hipnotizador afirma que se acha na posse de um poder

misterioso que despoja o sujeito de sua própria vontade ou, o que é a mesma coisa, o sujeito crê nisso" (1921/2011, cap. X, p. 136.

Quanto ao olhar, Freud vai dizer que o sujeito consente ao olhar do hipnotizador porque é assim que ele se apresenta como suscetível a se apagar por inteiro, como sinônimo de objeto reduzido a ser olhado. No que se refere ao olhar e à voz como objetos aos quais o sujeito consente se manter fixado para a conquista de um gozo inédito, podemos reconhecer que eles também podem se tornar ainda mais ligados, tornando bem difícil a operação de separação, própria à experiência da análise. É o caso da paranoia, quando o sujeito se encontra reduzido, através dela, a "um grude imaginário. Em seu caso, é a voz que sonoriza o olhar que se faz prevalente (...)" (1974-75, RSI, 8 de abril de1975, p.57)[1].

Antes de passar ao quarto e último tempo do trabalho sobre esse texto, sou levado a reconhecer que, ao ter apresentado as retomadas e transformações que Lacan realizou, fica evidenciado que, depois desses avanços, pude reencontrar respostas no texto de Freud, tal como essas últimas articulações sobre o olhar e a voz, que não seriam possíveis sem os avanços de Lacan, ou seja, não se trata de superar Freud, mas de relê-lo à luz de uma Outra orientação que, ao fazer avançar suas contribuições, permite retornar a ele com novas condições. Condições essas que promovem o surgimento do novo.

4-Quarto tempo: Pelo que viemos acompanhando do texto de Freud, ele nos levou ao encontro do líder como traço unário constitutivo da série significante no inconsciente e ao poder da voz e do olhar como objetos que encobrem a divisão do sujeito, capturando-o numa montagem de gozo. Lembremos que Freud inicia o texto falando de a psicologia individual ser ao mesmo tempo psicologia social. Uma vez que, pela leitura de Lacan, não se trata mais de incluir os conceitos de grupo, massa e líder, de que forma poderemos recolocar a ligação entre o sujeito e o social? É Lacan quem responde: "O coletivo não é nada mais que o sujeito do individual", em *Escritos* (1966/1988, p. 212). Ao substituir o individual pelo particular, o coletivo não manterá mais a mesma acepção do todo, tal como indicado na referência do grupo. Não se trata mais de uma massa compacta, como habitualmente se considerava. A Literatura oferece um esclarecimento sobre esse ponto (sugestão recolhida no livro de Erik Porge, *Transmitir la clinica psicoanalítica* (2007, p. 158). No conto *"O homem das multidões*" Edgar Alan Poe (1840/ 1999) descreve um protagonista que observa a multidão como passatempo a seu estado de convalescença. Num determinado momento, deslumbra-se

[1] c'est un engluement Imaginaire : – c'est la voix qui sonorise, – le regard qui devient prévalent (...)

com um homem que passa a ser seguido por ele. Depois de várias sequências, descobre que esse homem é aquele "que não pode estar só; o homem das multidões. Segui-lo-ia em vão: nunca chegaria a saber coisa alguma, nem dele, nem das suas ações" (p. 70). Encontramos o homem das multidões no mesmo lugar de todos os homens que, segundo Freud, seguem seu líder na massa, sem nenhum traço de individualidade. Lembremos de suas palavras, em *Psicologia das massas*, comentando Le Bon: "Ele não é mais ele mesmo, mas transformou-se num autômato que deixou de ser dirigido por sua vontade" (p.87). Situação diferente é apresentada por Baudelaire em uma de suas poesias, "A uma passante", no livro *As flores do mal*. O poeta observa uma mulher que passa na rua, "alta, sutil, dor majestosa". E conclui, algumas linhas adiante: "Longe daqui! tarde demais! nunca talvez! Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste, Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!" (1985, p.345.)

Podemos reconhecer que, no lugar de alguém que termina confundido com o vazio de sua presença, tal como no conto de Poe, no caso da passante, ela é destacada pelo poeta como marcada por particularidade, a ponto de suscitar nele o amor que se esvai em sua súbita aparição. Ou seja, a referência muda para a noção de coletivo, uma vez que nesse conceito se faz presente a coleção, o um a um, e não mais a massa, o grupo e o líder. Diferentemente do que se poderia imaginar, Lacan reconhece o valor estruturante do laço social, como sinônimo da presença do Outro e suas marcas constitutivas para o advento do sujeito. Da mesma forma que o coletivo marca o sujeito, esse também produz consequências devido à sua presença no coletivo. Lacan escreveu quatro posições sob a forma de quatro discursos que, na experiência da análise, permitem destacar os diferentes momentos nos quais as relações do sujeito com o gozo, com o desejo e os significantes comparecem de forma esclarecedora. Nomeou-os como discurso do mestre, discurso da histérica, discurso universitário e discurso do analista. Meu objetivo é mostrar que, se o ser de linguagem se articula sob a forma de discursos na experiência analítica, é verdade também que tais discursos se fazem presentes no laço social. Com uma diferença significativa, já que a mudança de discurso possível de ser experimentada numa análise praticamente não consta no laço social, promovendo uma cristalização, uma estereotipia repetitiva à busca de um gozar a qualquer custo.

Se, na experiência da análise, o sujeito vai experimentar a presença do impossível diante de suas tentativas para preservar seu gozo, devido ao manejo do analista, no laço social, sem a presença deste último, os sujeitos hão de se mobilizar em função do laço que os cativa mais ardentemente para essa mesma conservação de gozo. Com a seguinte diferença: não somente não contam com um operador que promova rotação em suas fixações, irão, ainda, compartilhar e solidificar laços em função da cativação que tais promessas suscitam. Não é necessário haver

um líder, como Freud havia pensado, para investir nesse tipo de insistência repetitiva, mas é preciso, sim, haver um representante desse discurso para suscitar uma busca desenfreada por essa promessa de gozo que se faz tão mais sacrificial quanto mais os sujeitos, eles mesmos, se tornam os protagonistas de tais atos. Uma diferença significativa que o funcionamento dos discursos promove, em relação a Freud, é que se, para o criador da Psicanálise, era preciso haver um líder para suscitar uma identificação comum, aglutinando a todos sob seu comando, para Lacan é preciso haver um discurso que suscite a liberação dos gozos interditados, para conquistar os corações e as mentes sedentas, desde sua constituição, por um a mais de gozo sem interdito.

Consideremos que, no quadro que começa a ser esboçado, não é somente a título de reunião entre irmãos que o laço se estreita; mais do que isso, trata-se de admitir que esse empuxo a gozar determina a construção de uma Outra realidade. Em nosso caso, trata-se de reconhecer o advento de uma realidade onde comparece a força das igrejas que suscitam a servidão aliada a uma posição que consente na transformação das vontades em lei, tal como Lacan havia advertido no texto "Kant com Sade", em *Escritos*, através do "sujeito bruto do prazer" (p. 786). Não pretendo, nem penso, que seja o momento oportuno para avançar nas diferentes elaborações que o tema promove; no entanto, ao nomear o discurso catalisador de gozo em nosso país, neste momento histórico, decidi nomeá-lo como discurso da estupidez, em meu último livro, por um duplo motivo: o primeiro se refere aos efeitos que podem ser observados nos discursos e nos atos à nossa volta. A eles são comuns tanto uma ausência da polissemia da língua quanto de educação e respeito, no nível das condutas mais banais e cotidianas. Cunhei a expressão "vociferação" para mostrar o que se encontra presente em tais sujeitos quando falam. Eles falam, mas não têm voz. Consequentemente, valem-se de slogans, palavras vazias e imperativos que orientam suas ações. O fato de assumirem uma posição na fala quando se valem do discurso corrente não os implica em particularidade, e é por isso mesmo que não têm voz, deixando-se tomar pela voz do Outro. Que Outro é esse? É aquele que da o discurso, ou seja, o estúpido que faz proliferar seus significantes na condição de se ligar com outros que a ele consentem. Escolhi o significante estúpido dando continuidade a trabalhos de estudiosos de outros campos, tais como Carlo Cipolla, autor de *As cinco leis fundamentais da estupidez humana* (1976/2000) e Robert Musil, de *Sobre a estupidez* (1937/2020). Cada um deles advertiu para o caráter perigoso da existência de tais sujeitos, alertando para o fato de que se multiplicam exponencialmente mundo afora.

No Seminário 19 (1971-72/2012), Lacan chega a afirmar que "num sistema político as coisas só correm bem quando é a estupidez que impera" (p. 27). Talvez por isso, Elisabeth

Roudinesco afirmou, em Lacan, a despeito de tudo e de todos, que, para Lacan, "a psicanálise pode muito, mas ela é impotente contra a estupidez" (p. 83). Não encontraremos palavras mais entusiasmadoras com Freud, quando ele afirma que "não há nada mais caro na vida que a doença e a estupidez" (p. 148). Vali-me do livro de Ian Mcewan, *A barata* (2019), que é uma releitura do clássico de Kafka, *A metamorfose*, já que, numa espécie de ficção realizada, o personagem principal, Jim Sans, acorda transformado em barata e vai para o Parlamento, sem que ninguém estranhe, para ocupar suas funções de primeiro ministro. Tal condição não deixa de evocar a frase que ressoa desde a época dos fornos crematórios: Como isso pôde acontecer? As baratas e os rinocerontes andam entre nós, não agora, mas desde muito tempo, caso estejamos com disposição para insistirmos na invenção de alternativas, como sinônimas de tratamentos possíveis, para esse discurso e seus efeitos. Afinal, quando o representante máximo da nação se mantém há 27 anos no Legislativo com apoio de muitos de seus membros, não é possível afirmar que há novidade nisso. O que é novo é o fato de que se acreditou que os canos do esgoto que vazavam frequentemente agora despejam os detritos a céu aberto, sem nenhum constrangimento nem reparação. Lacan estava certo, "num sistema político as coisas só correm bem quando é a estupidez que impera"(1971-72/2012, p.27). Porque quando ela impera na política, não há mais vigência do impossível de governar. É quando o governo da estupidez desfila com seu cortejo de seres hediondos que nem as histórias de terror conseguiram aproximar.

Quando propus três tipos de tratamentos possíveis para o discurso da estupidez, referi-me ao riso como afeto político, em contrapartida ao escárnio; a surpresa na abordagem do estúpido, como recurso para a desidentificação, ou seja, como alternativa para não se valer das vociferações em nome de combatê-las; e, por último, a inclusão do fracasso, palavra desconhecida de muitos, não somente estúpidos, na construção da política. Incluir o fracasso não é sinônimo de resignação, mas, sim, condição para cultivar o rigor necessário nas estratégias de abordagem dos problemas em curso. Não foi por acaso que, quando Lacan retoma o inconsciente freudiano, no *Seminário 9* (1961-62), vá se referir a ele como sinonimo do que fracassa tanto quanto do que falha.

Antes de concluir, quero introduzir um quarto recurso de tratamento. Para se situar nisso, é preciso lembrar que Lacan falou do Direito como homólogo à Psicanálise pelo avesso em seu 17º seminário (1969-70/1992). O recurso à luva foi ele mesmo quem nos orientou para usar de forma a fazer o reviramento da passagem de dentro para fora. Ou seja, não operam na mesma realidade, quando um está em contato com o que está fora, o outro campo está dentro, em contato sutil, mas não desprovido da condição de ser afetado. Indicar o Direito como sinônimo

de tratamento possível não é sinônimo de esperar desse campo uma solução, tampouco se alinhar com a judicialização da vida cotidiana, tão presente entre nós, menos ainda para fazer vigorar a vingança de forma escamoteada, tal como as reformas trabalhistas fazem em relação aos trabalhadores, privando-os de dignidade. Não é desconhecido de alguns que o Direito, como discurso do mestre, implique a referência aos significantes que constituem esse campo e também que, em seu vigor nas Repúblicas democráticas, ele participa de uma ligação ternária com os outros dois poderes.

Seguindo o fundamento do que foi exposto, a vigência do discurso da estupidez não se estruturou agora, mas, sim, desde muito tempo, suficiente para causar a erosão dos princípios que regulam a vida nas sociedades democráticas. Por isso mesmo, não adianta absolutamente nada, em termos de efetividade, brandir o apelo à Justiça. Mais do que nunca, ela está cega e confortável em seu trono. Daí a importância de retomar, tal como vem sendo feito, os fundamentos da noção de julgamento à luz de nossa história e deformações que a acompanham desde a colonização. É o trabalho sustentado pelo Observatório da Mentalidade Inquisitória no Brasil, reunindo especialistas que procuram formar e orientar praticamente seus membros numa direção que faça barreira e promova transformação das desigualdades e da ignorância. Sim, da ignorância, essa que é uma das paixões do ser que certamente desperta regozijo entre rinocerontes e baratas.

Em face do que se encontra em curso, não é possível não ter a atenção voltada para o fato de o Tribunal Penal Internacional ter recebido denúncias vindas de nosso país. Ele foi criado em 2002 com o objetivo de julgar crimes contra a humanidade. É nesse ponto que nos encontramos. Por isso mesmo, a política em curso mobiliza uma outra paixão, o ódio. Investe-se na destruição a céu aberto. Muito tempo será necessário para mobilizar um trabalho de reconstrução e iniciativas compartilhadas. Quando me referi ao Direito é pelo fato de encontrar amigos nesse campo sensíveis aos problemas apresentados pelo discurso da estupidez e que se mantêm solidários ao avanço de iniciativas às quais a Psicanálise pode contribuir ou, mesmo, esclarecer, tanto quanto colocar novas, já que existem muitas, tais como crescimento exponencial de supostas igrejas, milícias, digitais ou não, agindo à luz do dia com seus fuzis e discursos blasfematórios em nome de Deus. Há um trabalho a ser continuado, não menos entusiasmante, quando contamos com a possibilidade de sermos surpreendidos com o crescimento da vida que brota na escuridão, iluminada pelas vozes que se fazem escutar na indignação e sensibilidade.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. (1963). **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BAUDELAIRE, C. A uma passante. In: _____. **As flores do mal**. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: baudelaire_-_as_flores_do_mal.pdf (ufop.br)

CIPOLLA, C.M. (1976) **As cinco leis fundamentais da estupidez humana**. São Paulo: Ed. Planeta, 2020.

FREUD, S (1915) Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp.205-223. (Edição Standard Brasileira, Vol XII

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: **Edição** standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, J. (1974-75) **O seminário, livro 22: R. S. I. Lição de 8 de abril de 1975**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Disponível em: Table des séances (free.fr)

_____.(1971-72). **O Seminário Livro 19**. Rio de Janeiro: Zahar. 2012.

_____.(1966). **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Disponível em: http://www.sbpcdem.com/uploads/2/3/1/1/23113078/escritos_-_jacques_lacan.pdf

_____. (1964). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. (1961-62). **O seminário livro 9: a identificação,** lição de 22 de novembro de 1972. Recife: Centro de Estudos freudianos de Recife, 2003. Disponível em: https://www.studocu.com/pt-br/document/centro-universitario-inga/psicologia/lacan-jacques-o-seminario-livro-9-a-identificacao/9716246

LE BON, Gustave (1911). **Psicologia das multidões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, 3a edição.

MCEWAN, I**. A Barata.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

POE. E. A. (1840). O homem das multidões. In: ____. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Clube do livro, 1988. p.57 –70.

PORGE, E. **Transmitir la clínica psicoanalítica.** BuenosAires: NuevaVisión, 2007.

ROUDINESCO, E. **Lacan a despeito de tudo e de todos**.Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Elisabeth-Roudinesco-Lacan-a-despeito-de-tudo-e-de-todos.pdf